



MOVIMENTOS SOCIAIS E CULTURA AFRICANA NO ESTADO DO CEARÁ: CASO DOS ESTUDANTES DA GUINÉ-BISSAU / ÁFRICA

Social movements and African culture in the state of Ceará: case students of Guinea-Bissau / Africa

Movimientos sociales y cultura africana en el estado de Ceará: caso de los estudiantes de Guinea-Bissau / Africa

Antonio Correia Júnior¹

Edson Vicente da Silva²

Francisco Amaro Gomes de Alencar³

RESUMO

Este artigo visa abordar sobre as questões de racismo, xenofobia, as vivências, estratégias dos estudantes africanos no Estado do Ceará, e nas lutas cotidianas decorrentes dessas questões, que refletem-se nas instituições de ensino de graduação, pós-graduação pública e privadas. O Movimento Pastoral Africano e dos Estudantes Africana no Estado do Ceará surgiram em 2010, primeiro, com os estudantes Guineenses, depois com incorporação dos estudantes de outros países africanos. As primeiras lutas e resistências dos estudantes foram contra as instituições que afirmaram acordo com alunos. Tais dificuldades se desencadearam, dentre outros fatores, ao descumprimento de acordo firmado entre estes e as respectivas instituições de ensino privado escolhido para a efetivação das suas formações acadêmicas. Na tentativa de minimizar os problemas, os alunos se articularam em busca dos seus direitos, para poderem continuar com os estudos. Esse fato gerou a criação do primeiro Movimento dos Estudantes Africanos e da Pastoral Africano no Estado. Esses movimentos têm como finalidades, facilitar a integração dos africanos, seus valores culturais e religiosos, garantindo que cada estudante possa realizar com maior amparo e firmeza seus sonhos acadêmicos e profissionais, bem como, a importância do seu retorno à terra natal após o término do curso.

Palavras-chave: África; Movimentos Sociais; Educação; Imigração.

ABSTRACT

This article aims to address the issues of racism, xenophobia, experiences, strategies of African students in the State of Ceará, and the daily struggles arising from these issues, which are reflected in undergraduate, postgraduate public and private institutions. The African Pastoral Movement and the African Students Movement in the State of Ceará emerged in 2010, first with the Guinean students, then with the incorporation of students from other African countries. The first struggles and resistance of the students were against the institutions that affirmed agreement with students. These difficulties were triggered, among other factors, to the noncompliance with an agreement signed between these and the respective institutions of private education chosen for the accomplishment of their academic formations. This fact led to the creation of the

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal do Ceará - UFC. Email: antonio.correiajunior@hotmail.com

² Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Email: cacauceara@gmail.com

³ Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Email: famaro.ufc@gmail.com

first African Pastoral Movement and African Students in the State. These movements aim at facilitating the integration of Africans, their cultural and religious values, ensuring that each student can carry out his academic and professional dreams with greater protection and firmness, as well as the importance of his return to the homeland after the end of the course.

Keywords: Africa; Social movements; Education; Immigration.

RESUMEN

Este artículo pretende abordar sobre las cuestiones de racismo, xenofobia, las experiencias, estrategias de los estudiantes africanos en el estado de Ceará, y las luchas diarias que surgen de estas cuestiones, que se reflejan en las instituciones de enseñanza de graduación, posgrado público y privado. El Movimiento Pastoral Africanos y de los Estudiantes Africana en el Estado de Ceará surgieron en 2010, primero, con los estudiantes guineanos, después con la incorporación de los estudiantes de otros países africanos. Las primeras luchas y resistencias de los estudiantes fueron contra las instituciones que afirmaron acuerdo con alumnos. Estas dificultades han sido provocadas, entre otros factores, con la falta de acuerdo entre ellos y sus respectivas instituciones educativas privadas elegido para la realización de sus formaciones académicas. En el intento de minimizar los problemas, los estudiantes fueron se articularan en busca de sus derechos, con el fin de continuar con los estudios. Estos hechos generó la creación del primero Movimiento de los Estudiantes Africanos y de la Pastoral Africano en Estado. Esos movimientos tienen como objetivos, facilitar la integración de los africanos, sus valores culturales y religiosos, asegurando que cada estudiante pueda lograr un mayor apoyo y firmeza de sus sueños académicos y profesionales, así como, la importancia de su regreso a la tierra natal después del curso.

Palabras clave: África; Movimientos sociales; Educación; Inmigración.

INTRODUÇÃO

Mais do que migrantes temporários, há um definido universo social da migração temporária. Mais do que trânsito de um lugar a outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente. É ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo, e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca.

José de Souza Martins

Este artigo tem como objetivo relatar os abusos, preconceitos raciais, econômico, sociais e culturais que os estudantes africanos sofrem, e da criação do movimento estudantil dos africanos no Estado do Ceará.

Os movimentos estudantis dos africanos no Estado do Ceará surgiram em 2010, promovido pelos Guineenses, na sua maioria vinculados a instituições privadas. Esses alunos e alunas enfrentaram dificuldades econômicas, comprometendo os processos de formação acadêmica, em virtude do descumprimento do acordo firmado entre os estudantes e instituições escolhidas. Esse fato tem como causa e consequência atraso dos pagamentos de aluguel, luz, água, mensalidades das faculdades, chegou inclusive faltar alimentação. Isso porque as instituições de ensino superior privado não honraram com os compromissos assumidos com os estudantes e seus países.

Estas instituições, quando da divulgação dos seus cursos superiores em vários países africanos, prometeram: casas para morar, preços dos cursos eram bem menores, não falaram de juros, não citaram os aumentos das mensalidades semestrais, os preços citados nos panfletos eram fixos até o término do curso e ainda no momento de assinatura do acordo disseram para os pais dos estudantes que USD100, 00 por mês era suficiente custear todas as despesas, inclusive pagamento da faculdade.

Com o passar dos dias, meses, os alunos começaram perceber que as faculdades fizeram propaganda enganosa. Além disso, quando o aluno atrasa o pagamento da mensalidade, a faculdade não liberava a declaração para eles efetuarem a renovação do visto na Polícia Federal(PF), o que terminava com a perda do visto de estudo e direito de exercer qualquer atividade remunerada no Brasil, conseqüentemente o aluno corre o risco de ser deportado a qualquer momento.

Para resolver esses problemas, e poderem frequentar a universidade os discentes se articularam em busca da garantia dos seus direitos. Foi então que perceberam que a única possibilidade para continuar com os estudos, era a criação de uma organização para defendê-los. Dessa forma, nasceu o primeiro movimento estudantil dos africanos no estado do Ceará, conhecido como Associação dos Estudantes Africanos no Ceará (AEAC).

A partir de então, com o acompanhamento e apoio do Movimento Pastoral Africano, Pastoral do Migrante, Escritório de Direitos Humanos e Assessoria Jurídica Popular Frei Tito e Igreja da Nossa Senhora das Dores, da Procuradora Federal Dr. Nilce Cunha, em 12 de abril de 2012, o caso foi levado para o Ministério da Justiça. Após dois meses de protocolado, o processo o Governo Federal deu a anistia a todos os estudantes que tinham perdido o visto e a Procuradoria Federal notificou as faculdades para assinar um termo de ajustamento de condutas (TAC), bem como, determinou os valores das mensalidades eram os anunciados no ato do vestibular no país de origem.

Salientar que a presença de imigrantes africanos no Estado do Ceará iniciou na segunda metade da década de 1990, quando desembarcou o primeiro grupo de estudantes oriundos de Angola. Neste período vinham africanos oriundos de países de expressão portuguesa, em grupos de cinco a dez estudantes, através do Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG). A partir de 1998, ocorre a imigração de estudantes da Guiné-Bissau, devido à instabilidade sócio-político-econômica que ocorreu naquele país, aliada à existência de apenas uma instituição de ensino superior. No início desta imigração africana, os estudantes vinham somente para estudar na Universidade Federal do Ceará. A imigração de estudantes com contratos para estudar em faculdades privadas iniciou mais tarde. No entanto, nos anos 2001 a 2010, tem início a imigração massiva de estudantes africanos ao Ceará, a maioria com contratos com universidades privadas firmados nos países de origem, onde se destaca a presença dos estudantes da Guiné- Bissau e de Cabo-Verde.

Para elaborar esse artigo - relato, além da revisão bibliográfica, utilizou-se entrevista semiestruturada com os estudantes africanos que residem em Fortaleza, para captar suas percepções, trajetórias acadêmicas, inserção social e os racismos que sofrem em Fortaleza. Foram ouvidos em dois períodos, alguns estudantes africanos. O primeiro período foi de fevereiro a julho de 2015. O outro de abril a agosto de 2016. Os estudantes entrevistados foram da faixa etária dos 28 aos 35 anos, entre mulheres e homens.

O africanismo, revisitado e ressignificado nas experiências das diásporas africanas, possibilita-nos compreender as experiências de negros e negras que vieram para o Brasil numa condição de não cidadãos, atravessam a nossa história por caminhos diversos, e, nos dias atuais, redefinem-se numa identidade forjada num processo de luta e construção que define a consciência de um duplo pertencimento: o ser negro como raça e ser afro-brasileiro como povo e cidadão.

Até então no século XXI, existem visões negativas do continente africano como um continente atrasado e pobre; visões estas deixadas pela história e que é repassada para as sociedades, como por exemplo, as migrações dos negros para o Brasil, o tráfico negreiro e as formas de resistências dos mesmos.

A África esconde um misterioso e curioso continente cheio de diversidades e maravilhas, não é apenas a deficiência econômica, a miséria e os massacres entre os povos que são anunciados nos documentários e reportagens que se espalham pela mídia. Neste contexto de diferentes países, povos e etnias, cada país tem a sua própria cultura, suas músicas, danças. Apesar de suas diferentes diversidades culturais, sociais, os africanos têm algumas músicas e culturas comuns. E muitas vezes quando um africano sai do seu país de origem deixa de praticar muitas de suas manifestações por causa de limitação ou espaço livre para praticarem suas culturas ou religiões.

No que se refere ao legado cultural dos africanos para a formação da identidade brasileira. Nascimento (2002, p. 142) diz que:

A assimilação cultural é tão eficiente que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas. (...) Tanto os obstáculos teóricos quanto os práticos têm impedido a afirmação dos descendentes africanos como íntegros, válidos, auto-identificados elementos constitutivos e construtores da vida cultural e social brasileira. Pois realmente a manifestação cultural de origem africana, na integridade dos seus valores, na dignidade de suas formas e expressões, nunca teve reconhecimento no Brasil, desde a fundação da colônia, quando os africanos e suas culturas chegaram ao solo americano.

De acordo com Heywood (2008), o Brasil foi o principal importador de escravizados africanos oriundos da África Central e Ocidental, durante o período em que este comércio era legal. Da África para o Brasil, foram importados quase 4 milhões de escravos africanos, isso fez com que o Brasil pudesse se

beneficiar com a cultura africana, assumindo uma formação cultural afro-brasileira com os africanos que imigraram para o Brasil também nos últimos anos. Ainda de acordo com relatório da Polícia Federal (PF), em 2016, existem mais de 30 mil imigrantes africanos no Brasil que vieram de diferentes países da África, o Brasil poderia aproveitar a presença desses imigrantes para promover eventos culturais, carnavais, divulgar a cultura africana com suas danças, ensinar histórias africanas e estimular mais intercâmbios com países africanos.

Para Gomes (2012), precisamos estudar e realizar pesquisas para compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira para aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros.

Ser imigrante e ser estudante africano no Brasil

Para Almeida (2016), desde o surgimento humano, há milhares de anos, no continente africano, a busca por sobrevivência sempre foi um dos principais objetivos dos povos que migravam. Por conta disso, as primeiras sociedades eram nômades, pois migravam sempre em busca daquilo que havia se esgotado e por onde já tinham passado. Nos últimos anos do governo do Luís Inácio Lula da Silva, o Brasil veio crescendo economicamente, e isso fez com que pessoas de outros países que se sentiam insatisfeitas com suas situações econômicas, políticas ou sociais, pensassem em buscar uma maior qualidade de vida no Brasil, como já ocorrido na imigração do fim do século XIX, quando imigrantes vieram ao Brasil para trabalhar nas lavouras de café. Como abordado, a mobilidade humana é um dos processos sociais de maior relevância para os estudos culturais, que reflete na dinâmica de circulação de pessoas, bens e saberes.

Esta nova imigração para o Brasil é marcada pela cor negra e morena, e sofrem, ao nosso ver, questionamentos, discriminações de segmentos da sociedade, de poderes públicos e parcela da mídia com os costumeiros argumentos: grupos de invasores, imigrantes ilegais, pessoas desocupadas, usurpadores de postos de trabalho de nacionais, portadores de doenças trazem o ebola e entram porque há um descontrole governamental (ZAMBERLAM, 2014 p. 06).

Os imigrantes africanos saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil, um país em desenvolvimento, com experiência e enorme produção acadêmica, alimentando esperanças de facilidades de inserção por conta de uma língua e culturas em comum a língua portuguesa, a culinária, a religiosidade e a cultura negra, trazidas pelos escravos. Chegados ao Brasil, os imigrantes africanos enfrentam diversos desafios, particularmente, as dificuldades econômicas devido ao elevado custo

de vida desta metrópole e a discriminação racial em graus e formas distintas das encontradas em suas terras de origem (LANGA 2012).

Para diminuir esse tipo de constrangimento aos imigrantes é preciso ampliar os locais de atendimento aos imigrantes, criar uma delegacia de migração para o recebimento de documentação e também facilitar a comunicação com os órgãos oficiais com a contratação de pessoal com conhecimento do idioma dos imigrantes. Implantar um método mais ágil para a convalidação dos diplomas e certificados do imigrante; maior divulgação de informações sobre o Brasil, mostrando a realidade do mercado de trabalho no país.

Com a globalização os processos migratórios estão cada vez mais difundidos e dinamizados, destacando as pessoas que deixam seu país de origem por vários motivos e se aventuram em outros espaços em busca da tão sonhada qualidade de vida, na realização dos seus projetos pessoais. A migração acontece por diversos fatores, como por exemplo, econômicos, busca por emprego, melhores salários e condições de vida, e por questões relacionadas aos refugiados políticos, religiosos, étnicos entre outras. Dessa forma que os jovens imigrantes africanos chegaram ao Brasil, para estudar, trabalhar e melhorar as suas condições de vida. Mas, para os olhares da maioria da sociedade brasileira os africanos são vistos como marginais, vieram para tirar suas oportunidades dos empregos e vagas dos seus filhos nas Universidades Públicas, da mesma maneira acontece na Europa.

Além disso, os estudantes africanos são vistos por alguns brasileiros como beneficiados pelo Governo Federal por estarem e estudarem no Brasil. Isso representa desconhecer os mecanismos legais, os acordos bilaterais e proteção internacional assinados entre Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), Ministério da Justiça (MJ), ITAMARATI, Polícia Federal (PF), Cáritas, Pastoral dos migrantes (PM) entre outras. O Brasil tem acordos internacionais com os países da África e da América Latina para que os estudantes desses continentes possam cursar graduação e pós-graduação aqui.

Para Gusmão (2005) e Subuhana (2005), é possível afirmar que a imigração desses estudantes faz parte de um projeto nacional de desenvolvimento em seus respectivos países de origem, em estreita relação com acordos de cooperação internacional assinados pelo Estado brasileiro, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados com os países da África.

A busca da realização do sonho de fazer um curso de graduação, pós-graduação e procurar realizar uma qualificação profissional, faz com que muitos jovens africanos deixem seus países de origem em procura desse objetivo de ter um diploma e retornar ao seu país para contribuir com o processo de construção de uma sociedade sustentável no seu próprio país.

A conquista dessa formação superior leva os alunos africanos a lutar todos os dias através do Movimento Pastoral Africano e do Movimento dos Estudantes Africanos no Ceará, por meio de entidades filantrópicas e Fé em Deus, está conquistar seus direitos como estudantes estrangeiros no Estado do Ceará.

E essas lutas e conquistas refletem-se nas participações de eventos nacionais e internacionais, como por exemplo:

1. “Cúpula dos povos na conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS)”, conhecida também como Rio+20, realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro;
2. “II Encontro Brasileiro de Universitários Cristãos” (EBRUC), Curitiba PR, nos dias 12, 13, e 14 de outubro de 2012, promovido, por Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio do Setor Universidades da Comissão Episcopal Pastoral para Educação Cultura, da Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC), com apoio do Grupo Marista, Pastoral da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Arquidiocese de Curitiba e Pastoral Juvenil Marista.
3. Atividades da comemoração do dia de Consciência Negra que acontece no Conjunto do Ceará, desde meados dos anos 2000, e acontece todos os anos.
4. Animações das missas em diferentes paróquias de Fortaleza, região metropolitana e interior do Estado do Ceará.
5. Apoio solidário, fraternal aos estudantes africanos na resolução dos problemas que afetam os seus estudos, tais como as irregularidades das faculdades, processos de denúncia contra as intuições de ensino e da renovação dos vistos dos estudantes irregulares.

A maior conquista foi conseguir a autorização de renovação de visto de mais 200 estudantes que estavam irregulares.

Quanto à perspectiva de permanecer no país de formação, surge por razões da precariedade e da fragilidade das estruturas políticas e administrativas em seus países de origem. Este fato acarreta sentimentos de receio de eventuais repressões políticas, que infelizmente alguns países na África enfrentam. O sentimento da incerteza de inserção profissional nos países de origem é a emoção que atormenta alguns estudantes, o medo de retornar também está associado à falta de concursos públicos e das estratégias por parte dos governos de inserção no mercado de trabalho.

Esses relatos sobre a possibilidade de permanência no Brasil de alguns estudantes após a conclusão do curso podem ser analisados sob duas perspectivas: em primeiro lugar, além dos fatores apontados acima, se deve considerar também que a vinda e permanência dos estudantes na universidade durante períodos de estudos, seguidos de experiência profissional por meio de estágios, parecem ser a tendência da mobilidade com fins de estudos: a necessidade de encontrar espaços que darão continuidade à formação e ao exercício profissional (TCHAM 2012).

E outros fatores também é que partes desses estudantes constituem famílias com brasileiros (as) ou com companheiros (as) do mesmo país.

O RACISMO SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES AFRICANOS RESIDENTES NO CEARÁ

O racismo é pensamento ou atitude que separa as raças humanas porque algumas se consideram superiores ou melhores a outras discriminando, por exemplo, cor da pele. O racismo é um preconceito baseado na diferenciação de raças pelas pessoas. Pode ser contra, índios, negros, asiáticos e até com brancos, por parte de outras raças. Porém, quem mais sofre com o racismo e preconceitos são pessoas de pele negra e de camadas mais pobres. É por isso, que os negros são principais referências quando é discutido o tema do racismo. Portanto, os africanos que vieram para estudar no Brasil não foram excluídos do racismo, muito pelo contrário sofrem muito com a questão do racismo, como relatam alguns dos estudantes entrevistados.

Entrevistado 01, de 33 anos, formado em Administração, disse que:

Eu fui discriminado pela cor, pela origem de ser africano porque quando eu atravessa a rua a pessoa saía correndo como eu pudesse assaltá-lo, algumas me xingavam, me chamavam de negro feio. E depois fiquei sabendo que no Brasil, ser negro é sinônimo de pertencimento a determinado grupo racial, e, portanto, o racismo, é o elemento ideológico que aglutina e identifica todas as demais formas correlatas de discriminação (20 de Março de 2015).

Entrevistado 02, de 30 anos, relatou que:

Eu fui acusado do roubo no supermercado bem conhecido de Fortaleza, por uma funcionária e segurança do próprio supermercado, de que havia produtos na minha sacola que não foi pago no caixa, e começaram a me chamar de ladrão, vagabundo, fui humilhado e ao tirar comprovante das compras que tinha no bolso simplesmente eles se esconderam. O gerente queria me subornar com dinheiros mas, eu não aceitei, levei o caso para proteção ao consumidor e defensoria pública, mas até hoje ninguém é capaz de resolver esse problema. Infelizmente assim que é o racismo no Brasil (20 de Março de 2015).

Entrevistado 03, de 28 anos, informou que:

Um colega meu brasileiro afirmou na universidade onde eu estudo de que os africanos não deveriam vir estudar aqui no Brasil, e perguntei a ele porque, mas aqui na universidade não estuda somente os africanos também tem europeus, americanos no caso do Sul Americanos? Ele me respondeu assim, eles pagam países deles pagam, falei para ele, nós também pagamos os nossos países também pagam tanto quem estuda na Federal como quem estuda no sistema privado, falei para ele: você está sendo preconceituoso com africanos ele me disse mas eu tenho amigos africanos, respondi: é assim que se trata os amigos (10 de Dezembro de 2016).

O entrevistado 04, de 35 anos, falou que,

Quando eu cheguei Fortaleza pela primeira vez fui ao Centro fazer compras logo nas calçadas vi um homem vendendo bonés fui perguntar ele quando custa o boné antes de eu terminar falar, e ele dizia assim para mim, não tenho, não tenho, parece que eu estava pedindo alimentos para ele e virei para falar com a uma moça que estava ao lado e ela saiu correndo. E fui ao ônibus ao sentar ao lado da moça ela simplesmente se levantou e ficou de pé, como se fosse eu estava fedendo ou assaltá-lo. Isso não tem no meu país todos são iguais, todos tem o mesmo trato (10 de Dezembro de 2016).

Nas falas dos entrevistados percebemos que os estudantes africanos sofrem muito com o racismo e preconceitos em Fortaleza, tanto nas vias públicas, como nas faculdades, nos postos de trabalhos, no dia a dia. Além de preconceitos e do racismo, há outras preocupações de violências, por exemplo as agressões físicas.

Para Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d'Adesky (2002), o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional.

Na forma individual o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos, e pode atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. Esse tipo de racismo individual já ocorreu no mínimo em dois cursos da Universidade Federal do Ceará, conforme documento encaminhado pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas para Promoção de Igualdade Racial (CEPPIR/GABGOV) e Escritório de Direitos Humanos Frei Tito de Alencar da Assembleia Legislativo, ambos do Estado do Ceará, no dia 24 de novembro de 2015. Um aconteceu contra o Cabo-verdiano, Jannie Costa Nogueira, aluno do Curso de Economia, Processo nº. 31655/2014. O outro caso foi contra Lucas Aquino do Curso de Engenharia de Pesca.

O racismo institucional, ainda segundo os autores citados, implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Com o objetivo de enfrentar o racismo e a xenofobia por intermédio da CEPPIR/GABGOV e do Escritório Frei Tito de Alencar, foi entregue para administração superior da UFC documento intitulado "RECOMENDAÇÃO DE PLANO DE TRABALHO PARA SUPERAÇÃO DE RACISMO, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ".

Segundo Munanga (2004), o entendimento sobre o racismo e a xenofobia ajudará a desvendar a especificidade do racismo nos países que praticam e compreender os próprios discursos anti-racistas que reúnem tanto os pensadores da chamada direita, quanto os da esquerda (MUNANGA, 2004).

O racismo na sociedade ocorre de um modo muito peculiar, ele se afirma através da sua própria negação.

O entrevistado 05, um discente de 29 anos, representante dos estudantes da Guiné-Bissau, disse que:

Falar do preconceito no Brasil é um pouco complicado, por ser muito sutil e difícil de compreender, o preconceito aqui no Brasil ela vem acompanhado do racismo, aqui no Brasil ninguém é preconceituoso e nem racista, mesmo percebendo isso nas falas das pessoas e nos gestos, quando percebes e parte para tomar satisfação, a pessoa diz eu não sou racista, até porque minha mãe é negra, tenho famílias negras como é que vou ser racista se não faço isso com minha família. Mas na verdade existe em todos os cantos, e dá para entender primeiro quando andas numa calçada sozinho e tem alguma pessoa só na sua direção ele muda logo com medo de ser assaltado, e têm outros que até corre com medo, porque tem um negro atrás, ou à frente dele que a qualquer momento poderá lhe assaltar (20 de Dezembro de 2016).

Segundo a antropóloga Nilma Lino Gomes (2012) o racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, nas relações de classe, no mercado de trabalho, nas escolas da educação básica até universidade, cursos de graduação e pós-graduação e em outros setores os negros e as negras ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país, (GOMES, 2012).

Ainda conforme Gomes (2012), se por um lado quanto mais a sociedade, as escolas, as instituições públicas e privadas e os poderes público negam a existência do racismo no Brasil e no Ceará, por outro lado, ele mais se fortalece, propaga-se e invade as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros e negras.

A diferença social entre negros e brancos no Brasil existe, quando compara as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprovam a existência de uma grande desigualdade social no país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada a exclusão social e a desigualdade socioeconômica que atinge a maioria do povo brasileiro, e de um modo particular, negros.

Quando um africano entra no *shopping* ou no supermercado os seguranças começam logo a acompanhá-lo por todos os cantos onde ele caminha, pelo fato de ser estrangeiro e, principalmente, negro, logo é suspeito de roubo. Mesmo tendo muitas pessoas nesses locais, mas o fato de serem brancas não são seguidas por seguranças, pois o roubo geralmente é associado aos negros.

As mídias brasileiras também contribuem muito na desinformação das pessoas, quanto à questão do continente africano e ser negro, poucos brasileiros sabem que a África é um continente. Quando fazem reportagem sobre o continente africano, primeira coisa que se fala ao chegar em qualquer país do continente africano é que estamos na África. Quando se está em um país das Américas ou da Europa, não dizem estou

ou estamos na Europa ou na América, mas sim estou em Canadá, Chile, EUA, Argentina, Portugal, Espanha, França. Porém quando se fala sobre África o que vem nas mentes da maioria dos brasileiros é um país com diferentes estados como Brasil, e quando se mostra qualquer assunto sobre qualquer país africano, é só as savanas, miséria, fome e doença, nunca se mostram as grandes cidades, as indústrias dos países africanos, as culturas, as tradições e as riquezas. Somente apresentam essas partes negativas. Como se a pobreza, miséria, fome, não existissem em todos os continentes, e em todos os países. Esses fatos contribuem para os atos de racismo, preconceito e xenofobia sobre africanos, pois todos são considerados como pessoas que vêm de um continente miserável, porque é isso que as mídias brasileiras mostram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que é de fundamental importância o Movimento dos Estudantes Africanos no Ceará, para o fortalecimento do espírito e identidade africana, no processo de inclusão social e na conquista de direitos, visando o bem comum lutando sempre para a erradicação das discriminações raciais, xenofobia e do preconceito institucionais como acontece no Ceará, inclusive na UFC. Essas lutas e conquistas refletem-se nos Movimento Pastoral Africano e dos Estudantes Africanos no Ceará, nos 400 associados de diferentes países, gêneros e idades.

A diversidade religiosa, étnica, política, social e cultural está presente em todas as sociedades, em todos os países. No caso do Brasil, a questão racial e xenofobia brasileira localizam-se dentro do amplo e complexo campo das diversidades. Por isso, refletir sobre o racismo e a xenofobia brasileira não é algo particular que deve interessar somente às pessoas que pertencem ao grupo étnico, racial negro e estrangeiro. Ela é uma questão política, social e cultural de todos. Ou seja, é uma questão da sociedade brasileira e também mundial, quando ampliamos a nossa reflexão sobre as relações entre negros e brancos, entre outros grupos étnico-raciais, nos diferentes contextos internacionais.

A maioria dos imigrantes africanos que vieram para o Brasil pós anos 2000 são estudantes, alguns através de acordo bilaterais firmados entre o Brasil e África para estudar nas instituições públicas e outras privadas, com ajuda da família e muitos desses alunos que vieram sem ajuda financeira de familiares, são os que se encontram em condições de maior vulnerabilidade econômica, em decorrência do endividamento.

O racismo no Brasil na atualidade é uma questão muito forte e presente no cotidiano, que nos leva a corroborar com Florestan Fernandes, quando escreveu em 1963 e 1964 “A integração do negro na sociedade de classes”, que a abolição da escravidão no Brasil, não integrou os escravizados na sociedade, na cultura, na política, na religião. Ocorreu integração, somente como mão de obra para os serviços desqualificados e mal remunerados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Regis Rodrigues de. "**Tipos de migração**"; **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/tipos-migracao.htm>>. Acesso em 24 de agosto de 2016.
- BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; d'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. (Orgs.) São Paulo: Atual, 2002.
- BRASIL. Polícia Federal. **Imigração africana no Brasil aumenta 30 vezes entre 2000 e 2012**. Disponível em <<https://noticias.terra.com.br/brasil/Imigracao-africana-no-Brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012,>>. Acesso em: 24 ago. 2016.
- GOMES, Ana Beatriz Sousa; CUNHA JUNIOR, Henrique (Org). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza; Edições UFC, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão**, 2012.
- GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretaria Especial de Políticas Públicas para Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Fortaleza-CE 2015. Disponível em: <<http://www.gabgov.ce.gov.br>>. Acesso em: 24 set. 2016.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. **Diáspora africana: vida de imigrantes e estudantes em Portugal no Brasil**. http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redonds/trabalhos/MR%2003/Neusa%20Maria.pdf Acesso em 30 de Novembro de 2015.
- HEYWOOD, Linda M. **De português a africano: a origem centro-africana das culturas atlânticas crioulas no século XVIII**. In: _____. (Org.) *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LANGA, E. N. B. **Diáspora Africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais** In: VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, Salvador, Bahia 2012,
- MARTINS, José de Souza. "**Eu, não, meu senhor**", Menino preso a poste no Rio descende de homens livres, mas a chibata continua lá: dentro da alma". São Paulo; Jornal O Estadão, 8 de fevereiro de 2014.
- MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- SUBUHANA, C. **Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos do Rio de Janeiro**. 2005. 210 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- TCHAM, I. . **A África fora de casa: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil**: 2012. 99 f. 30 cm. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologi-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni; CIMADON, João Marcos; BOCCHI, Lauro. **Os novos rostos da imigração no Brasil - Haitianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre. Solidus, 2014.